

**A FILOSOFIA NO TERCEIRO GÊNERO – O INDECIDÍVEL PARA
ALÉM DA SOBERANA SEXUALIDADE**

**PHILOSOPHY IN THE THIRD GENRE - THE UNDECIDABLE
BEYOND SOVEREIGN SEXUALITY**

Rafael Haddock-Lobo¹

Recebido em: 07/2018
Aprovado em: 08/2018

Resumo: Este artigo é uma longa confissão e uma promessa de retirar a filosofia do “armário” e, a partir dos rastros deixados por Derrida, ressexualizar a filosofia. Para tanto é preciso trabalhar com dois pontos que fundamentam este tipo de movimento: a questão da sexualidade na filosofia e o desenvolvimento de um pensamento brasileiro. O primeiro ponto leva à formulação de uma “teoria queer do conhecimento” que exalta a artificialidade contra qualquer defesa do natural e, sobretudo, denuncia a neutralidade e a universalidade como uma dessexualização do pensamento. O segundo ponto toca na ferida daquilo que se chama filosofia brasileira já que a sua inexistência seria oriunda da falta de amor à própria língua e de um receio a origem “impura” (no melhor sentido) da cultura brasileira. A partir deste movimento surge então a idéia de uma Filosofia *no e do* terceiro gênero; uma filosofia mestiça; uma filosofia *das e nas* ruas. Por fim, há um relato sobre a importância do deputado Jean Wyllys para a construção deste mundo fora do armário.

Palavras-chave: pensamento brasileiro. sexualidade. teoria queer do conhecimento.

Abstract: This article is a confession as well as a promise to take philosophy "out of the closet" and, from the traces left by Derrida, ressexualize philosophy. To do so, it is necessary to work with two aspects that justify this kind of movement: the question of sexuality in philosophy and the development of a brazilian thought. The first aspect leads to a formulation of a "queer theory of knowledge" that praises the artificiality against any defence to the natural and, above all, denounces the neutrality and universality as a dessexualization of knowledge. The second aspect touches in the wound of the so called brazilian philosophy since its non-existence would be derived from the lack of love to its own language and from a fear to na impure origin (in the best sense) of the brazilian culture. From this movement arises the idea of a philosophy *in and from* the third gender; a crossbreed philosophy; a philosophy *from and on* the streets. Lastly, there is a report about the importance of the deputy Jean Wyllys to the construction of this world "out of the closet".

Keywords: brazilian thought; sexuality; queer theory of knowledge.

Para Rômulo Martins Pereira,
Que me inspirou, incentivou e exigiu pela primeira vez
que eu me debruçasse sobre essas questões

¹ Professor do Departamento de Filosofia da Universidade Federal do Rio de Janeiro e coordenador do Laboratório KHORA de Filosofias da Alteridade. Contato: outramente@yahoo.com

Nota preliminar

Tal nota, preliminar como tudo que importa, busca não apenas contextualizar o momento de escrita do presente texto, mas também marcar tanto uma infinita uma distância e uma enorme proximidade com tudo que aqui está escrito. Trata-se, o texto aqui apresentado, de um paradigmático escrito que reflete a estrutura de promessa/perjúrio tal como descrito por Jacques Derrida.

Esse texto apresenta todas as inquietações que me motivavam à época e que hoje se desdobram naquilo que eu vejo como minha dupla tarefa filosófica: tratar pontualmente a questão da sexualidade na filosofia e a questão de um debruçar sobre o pensamento e a cultura brasileira.

É por essa razão que, como apêndice ao texto, também se encontra a primeira vez que ousei anunciar publicamente uma certa “virada” em minhas perspectivas filosóficas, em um seminário em 2014 ao lado de Jean Wyllys.

Creio poder afirmar, três anos depois, que tudo que hoje escrevo, leciono e apresento, encontra-se intuído nesse texto.

Desconstrução e sexualidade

As páginas que se seguem certamente não se restringem a uma exegese da obra derridiana. Contudo, e isso talvez seja o mais importante de aqui se sublinhar, nada do que aqui se apresentará poderia ter sido escrito sem os anos de profunda imersão e desvairado amor a Jacques Derrida, esse pensador que acendeu a minha chama para o pensamento e me tornou, e ainda me torna, cada vez mais sensível às questões da alteridade e, em decorrência disso, avesso e alérgico a qualquer espécie de soberania e ao conseqüente esmagamento das singularidades. Não obstante, é preciso sublinhar que esse texto marca uma mudança de rumo em meu percurso filosófico, o início ainda em esboço de uma pesquisa – uma pesquisa possivelmente tão longa quanto minha existência, pois não poderia dizer mais sobre mim, não poderia estar mais intrinsecamente inscrita em minha pele, como que tatuada em brasa incandescente, mas que, de tal modo labiríntica e críptica, torna-se tarefa infinita – a perseguir.

Para isso, gostaria de começar com uma recordação: uma cena que se passa na praia de Copacabana, no ano de 2005, quando estive com Gianni Vattimo, que estava no Rio de Janeiro

para um colóquio que eu então organizava. O hotel onde ele se hospedara era próximo à minha casa e, por essa razão, caminhávamos pela madrugada após o jantar. Ao explicar para ele o quão interessante era o bairro de Copacabana, quando dizia que lá moram, às vezes em um mesmo prédio, idosos, judeus ortodoxos, traficantes, prostitutas, gays, drag queens, fui imediatamente interrompido por ele, que me disse de modo abrupto: “eu gosto de drag queens”. Mesmo sabendo que Vattimo era homossexual assumido e militante, presença obrigatória das paradas do orgulho gay de Turim, a confissão inesperada me pegou de surpresa e devo ter feito uma feição de quem nada entendeu. Ele, então, repetiu, explicando: “eu gosto de drag queen, sabia que já escrevi sobre isso?”, e me contou de um pequeno artigo em que falava sobre o que é a drag queen, inspirado na primeira drag americana, que era professor universitário de dia e fazia shows à noite (VATTIMO, 2005). Cheguei em casa, procurei o artigo, e, no dia seguinte, cheguei profundamente excitado no evento, pedindo a ele que escrevesse mais sobre o assunto, pois eu achava que a pequena análise do drag que ele ali aponta poderia render muito e que seria muito interessante ter um livro sobre isso. Ele, de modo jocoso, riu e me disse, em alto e bom tom, no meio de um auditório lotado, que ele estava muito velho para isso e que deixava para mim a tarefa de ser um *herdeiro do pensamento drag*.

Tais palavras me assombraram ao longe de quase dez anos, ainda que de modo elíptico, e a elas somo as críticas que recebi de Mónica Cragolini em minha defesa de doutorado, quando comentou o quanto minha tese escondia, por detrás de suas quase quinhentas páginas, o teor erótico, que contudo não deixava de escorrer desde seu título, que evocava a figura da *umidade*². E a questão que hoje me coloco e que motiva esta mudança de objeto em minhas investigações é a seguinte: porque minha escrita filosófica, que nunca pareceu se restringir ao modelo estabelecido pela academia e nunca se furtou a quebrar barreiras, sempre pareceu se esquivar do tema da sexualidade? A resposta, hoje, me parece simples: eu me desviava do erótico porque não consigo não escrever em primeira pessoa – e, por conseguinte, falar da sexualidade seria falar de minha experiência sexual, desde ela e a partir dela.

Por isso, este momento de homenagem a Derrida também marca uma guinada no meu percurso acadêmico, quando eu decido mudar completamente o rumo de minhas pesquisas e começar a me dedicar não a questões propriamente de gênero, mas talvez, se isso existir, a uma espécie de teoria *queer* do conhecimento, cujo nome provisório seria algo como “Uma Filosofia

² A tese de doutorado, defendida na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro no ano de 2007, sob a orientação de Paulo Cesar Duque-Estrada, intitulava-se “Para um pensamento úmido: a filosofia a partir de Jacques Derrida”.

do – e no – terceiro gênero”, que busca investigar a relação intrínseca das figuras andrógenas com as noções de verdade, a contaminação entre masculino e feminino contra os discursos de pureza, a exaltação da artificialidade contra qualquer defesa do natural e, sobretudo, a denúncia da neutralidade e da universalidade como a dessexualização do pensamento. Portanto, em primeiro lugar, uma filosofia *do* terceiro gênero: pois tem como objeto estas imagens e alegorias que são desde sempre escamoteadas em nome de uma epistemologia neutro-masculina, ou, como prefiro chamar, uma espécie de “cis-logismo”³ (sendo que são justamente tais imagens e alegorias que parecem fundamentais à própria invenção do fundamento, como podemos, por exemplo, ver demonstrado nas análises de Derrida sobre a *khôra* platônica); e, ao mesmo tempo, uma filosofia *no* terceiro gênero: pois, para tal intuito, ela deve necessariamente se escrever de outra maneira, escrever-se a partir desse lugar ambíguo e oscilante, afim de tecer outros estilos, que flertem com as artes, a literatura e a autobiografia e que, com isso, inspirado nas análises do estilo que Derrida *performatiza*, sobretudo nas oscilação do élitro em suas *Esporas*⁴, traga a filosofia para fora desse “armário” que é a imposição do chamado rigor filosófico-científico. E é por essa razão que tal filosofia *do* e *no* terceiro gênero, herdeira da promessa de um pensamento drag, tratará sobretudo de uma releitura de meu percurso como intérprete de Derrida à luz dessas alegorias, pois estou certo de que tudo que escrevi até hoje, minha preocupação insistente com a alteridade, minha obsessão pela singularidade, meu amor pelas metáforas, estilos e máscaras, a luta contra a neutralidade e o falocentrismo, enfim, tudo que produzi até hoje sempre fora norteado por esse desejo de inscrever na filosofia essa marca alegre do jogo do despir, vestir e travestir.

E como isso tudo começa com Derrida? Voltemos, portanto, a *Coreografias*, quando Derrida fala da possibilidade de uma outra relação com o outro, “relação, desde então, não a-sexuada, muito longe disso, mas sexuada de outra maneira, para além da diferença binária que governa a conveniência de todos os códigos, para além da oposição feminino/masculino, para além da bissexualidade também, da homossexualidade ou da heterossexualidade que retorna ao mesmo” (DERRIDA, 1992, p. 114). E, sonhando com tal multiplicidade de vozes “sexualmente marcadas”, Derrida aponta àquela coreografia que “pode animar o corpo de cada ‘indivíduo’, atravessá-lo, dividi-lo, multiplicá-lo, seja ele classificado como ‘homem’ ou ‘mulher’ (...).

³ Dentre os neologismos que pretendo utilizar em minha pesquisa constam os quase-conceitos cislogismo ou cislogia, que fazem referência paródica aos termos cissexual ou cisgênero (termos referentes àqueles cuja identidade de gênero coincide com o sexo biológico e seu comportamento sexual). O prefixo *cis-* significa “ao lado de” ou “no mesmo lado de”, fazendo alusão à identificação, à concordância aqui entre a identidade entre gênero, sexo e orientação sexual, com o padrão normativo de pensamento neutro e universalizante.

⁴ “Deixemos o élitro flutuar entre masculino e feminino.” (DERRIDA, 2013, p. 24)

Seguramente, não é impossível que o desejo de uma sexualidade inumerável venha ainda nos proteger, como um sonho, contra um implacável destino que sela tudo à perpetuidade do número 2” (DERRIDA, 1992, p. 114-115). E é deste sonho da desconstrução que agora me alimento, disso a partir do que, como uma espécie de *Gramatologia sexual*, podemos ver repensados os indecíveis *rastro*, *différance* e que, à luz de obras como *Geschlecht*, *Esporas – os estilos de Nietzsche*, *Coreografias* e *Khôra*, possibilitando pensar esse “terceiro gênero” para além de qualquer dialética, como o terceiro que antecede e assombra, de modo espectral, a divisão dualista: o três “antes” do dois.

Mas, diferente de Derrida, que insiste no nome “mulher” para isso que ultrapassa a oposição masculino/feminino (ainda que se deva guardar em mente que se ele insiste no nome ‘mulher’, diz ele, é justamente para marcar a referência ao sexual), meu intuito é pensar tal gênero indecível através de figuras que convoquem a androginia e, principalmente, as performances *drag queens*. E isso por uma simples razão: o uso do termo “mulher” ainda faz referência ao biológico, e é preciso marcar que esse terceiro gênero, ainda que de modo subjétil, como aquele subjétil enlouquecido ao qual Derrida se refere, não pode ser ‘natural’, ‘original’ nem dada que simule qualquer tipo de apreensão em uma economia cis-lógica, binária e hierarquizante: se há este “antes” do 1 e do 2, essa origem an-árquica é sempre complementar e artificial, como o élitro que flutua entre masculino e feminino nas *Esporas*, e que *des-articula* os número dois, tanto no sentido de denunciar a possibilidade de articulação como também no sentido de abolir a soberania dos artigos. Um *entre* oscilante, portanto, uma brisura sexual que, unindo na desarticulação, separa e junta ao mesmo tempo, numa temporalidade espectral, desajuntada, *out of joint*, que marca a existência apenas como um movimento de *fort-da-sein*⁵.

Nesse sentido, o que consigo aqui vislumbrar como um pano de fundo, ou melhor, como véus derridianos sobre os quais tecerei meus bordados, “o pano envolvendo o pano”, como lemos em sua *Farmácia* (DERRIDA, 1997, p. 7), tem seu início nessa releitura de *Gramatologia*, com o intuito de se pensar os quase-conceitos escritura, *différance* e *rastro* a partir de textos de Derrida que pretendem ressexualizar a filosofia, como os supracitados, e ressaltando meu próprio recorte feito no *Para um pensamento úmido*, sobretudo das questões concernentes à metaforicidade, à ficcionalidade, ao estilo e ao traço autobiográfico da escritura. Na verdade, com isso, em um primeiro momento da pesquisa, serei forçado a retornar a meus dois livros sobre Derrida, pois tanto o livro sobre a umidade como o meu *Derrida e o labirinto*

⁵ Alusão aqui feita tanto ao conceito de *Dasein* heideggeriano como ao de *fort-da* freudiano, permitindo-me outro neologismo.

de inscrições, dedicado à “fase gramatológica” do pensamento derridiano⁶, precisam passar por esse crivo erotizante, como o próprio Derrida parece sugerir e como, hoje, eu vejo como algo extremamente necessário. Tais elementos por mim já antes estudados, nisso que provisoriamente chamo de uma *Gramatologia sexual*, são fundamentais para o esboço do restante da pesquisa.

Ainda que Tateando, como se andasse no escuro, com as mãos à frente, antecipando como quem caminha à noite⁷ esse projeto que, como promessa, comporta certamente a assinatura do perjúrio, penso que um passo a seguir nesse percurso desta *drag-ontologia* seria entrar nas indicações de Judith Butler e Beatrice Preciado para pensar em que medida a *teoria queer* proposta por elas pode contribuir para essa “teoria queer do conhecimento” que pretendo desenvolver. Ressaltaria, sobretudo, a ideia de *performance* de Butler e da defesa da artificialidade empreendida pelo *Manifesto contrassexual* de Preciado. Munido, assim, desse coito promíscuo entre Derrida (lido à sombra de Derrida), meus próprios escritos (lidos à sombra desse Derrida lido à sombra de Derrida) e de Butler e Preciado (lidas à sombra dessa promiscuidade), penso que poderei me *enxertar*, como um corpo intruso, em alguns momentos da história da filosofia, dentre os quais eu, provisoriamente, elencaria aqui pelo menos três, a saber: Platão, mais especificamente as falas de Fedro, Pausânias, Aristófanes e Alcebiades do *Banquete*; Nietzsche, seguindo o movimento de Derrida em *Esporas*, e lendo seu pensamento na contrapartida de uma homofobia; como aquele que ergue o falo metafórico e que, por isso, denuncia a metafóricidade do falo em uma *Gaia Ciência*, uma ciência fresca e alegre, portanto *gay* e carnavalesca; e, por fim, Foucault, retornando sobretudo aos dois últimos volumes da *História da Sexualidade* e a alguns cursos, como *Os anormais*, por exemplo.

Dessa maneira, nessa revisitação que pretende repensar uma indecidibilidade sexual para além de toda soberania, normativa e prescritiva, penso que será precioso repensar a história da filosofia ocidental à luz (mas não à luz natural, mas à luz dos holofotes e fogos sempre artificiais) desses momentos em que a androginia, a sexualidade dissidente e o imagético artificial parecem contaminar o que se pretende puro, original e, por isso, neutro. Mas, mais ainda, se possível, forçar a história do pensamento para além de uma eurocentricidade – penso, por exemplo, na incorporação de mitos orientais e africanos como fundamentais à fuga dessa soberana sexualidade rumo a outras matrizes produtoras de discursos, mitologias e invenções.

⁶ Refiro a meus dois livros sobre Derrida: *Derrida e o labirinto de inscrições* (Porto Alegre: Zouk, 2008) e *Para um pensamento úmido* (Rio de Janeiro: NAU, 2011).

⁷ Cf. DERRIDA, Jacques. *Memórias de cego – o auto-retrato e outras ruínas*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2010.

E com isso, chego, por fim, a uma última questão que tenho me colocado recentemente e a qual pretendo incluir nessa minha pesquisa por vir – aliás, uma pergunta que estranhamente não costuma ser feita em meu país: porque não existe uma filosofia brasileira? A resposta é simples: porque o filósofo do nosso país não tem amor à sua cultura, à sua língua, e assim como se esconde no armário, tenta a todo custo esconder sua pele mestiça, sua cultura “impura” (no melhor dos sentidos) e escamotear a promiscuidade que é a origem nada original, e portanto unicamente original, que mistura a matriz negra, com a branca e a ameríndia – e eu diria mais, as matrizes negras, brancas e ameríndias, pois até estas são muitas. Uma filosofia *do e no* terceiro gênero é também, necessariamente, uma *filosofia mestiça*, e talvez seja essa a possibilidade de acharmos novas mitologias, como sonhava Drucilla Cornell⁸, para pensar de outro modo a matriz cis-lógica e euro-falocêntrica.

Na busca a esses novos mitos, gostaria de tecer uns poucos comentários sobre uma divindade que habita o panteão afro-brasileiro a fim de encaminhar meu texto a uma possível conclusão: trata-se de *Oxumaré*, o deus hermafrodita. Diz uma de suas lendas contadas pelo boca-a-boca da tradição oral iorubana, que resiste nos terreiros de Candomblé do Brasil, que Xangô, o deus da justiça, que vibra na natureza no elemento das pedras, habitante do alto-céu, apaixonou-se por Oxum, deusa da beleza e do amor, da sensualidade e do ouro, que vibrante no elemento das águas doces dos rios e cachoeiras. Seu amor era impossível: ele morando em seu castelo nas nuvens do céu; ela no leito do rio. Amado-se, contudo, nunca se encontravam. É assim que um dos súditos de Xangô, Oxumaré, o deus-movimento, torna-se o mensageiro desse amor. Devendo macho, é ele o arco-íris, que faz com que as águas de Oxum subam às nuvens de Xangô – e, através dele, haja o encontro dos amantes.

Entretanto, se infindável fosse tal encontro carnal entre Xangô e Oxum, mediados pelo arco-íris, a água da terra secaria e os homens morreriam de fome. É parte da astúcia de Oxumaré, então, que ele deixe de ser a ponte entre o céu e a terra e, tornando-se fêmea, transforma-se em uma cobra que rasteja pelo solo seco e, com isso, protege o pouco de água que ainda sobra na terra, até que os ventos e os raios de Iansã tragam de volta à terra, feito chuva, o amor das águas de Oxum.

O que muito interessa nessa alegoria é o entrelaçamento, a contaminação entre os opostos que o mito carrega: Oxumaré, macho-fêmea, que a princípio se encerraria na lógica binária do “ou isto ou aquilo” (diferente do menino andrógono Logun Edé que trataremos em

⁸ Cf. CORNELL, Drucilla. *Philosophy of the limit*. New York: Routledge, 1992.

outro lugar), parece embaralhar tal binarismo. O hermafroditismo de Oxumaré configura-se justamente pelo fato de, em seu ser-macho, ele ser feminino; e em seu ser-fêmea, ser masculino. Como macho, é ele o arco-íris, a entidade alegre e colorida que propicia o amor, ascende *umidamente*, e representa o momento de fecundidade do encontro erótico das divindades; como fêmea, ele é a cobra, o ser-fálico que anda pelo solo seco e infértil, mas que apenas na secura e na infertilidade, tem nessa sabedoria do devir-fêmea-fálica, a garantia da fecundidade da terra e da procriação dos seres. Oscilando entre macho e fêmea, Oxumaré não se encerra na Cis-lógica masculino x feminino, sendo nem macho nem fêmea, e sendo, nessa espécie de *fort-da-sein*, ser-na-oscilação, a condição de possibilidade do encontro amoroso entre deus e deusa, homem e mulher – ainda que, como mediação do encontro, como a absoluta mediação, ele apenas indique que tal condição possibilidade do amor, que representa o terceiro gênero, nada mais seria do que a condição de impossibilidade do encontro puro e pleno entre o masculino em si com o feminino em si.

Para tanto, a fim de tentar chegar a algum lugar conclusivo, ainda que uma conclusão seja sempre da ordem da interrupção, termino citando um breve trecho de uma das mais belas canções do cantor e compositor brasileiro João Bosco, que, na voz de Clara Nunes, uma das maiores vozes brasileiras e que tanto se esforçou por cantar nossas raízes múltiplas e dispersas, me parece ecoar, através dessa divindade majestosamente babélica⁹, isso que pretendo vir um dia a chamar de uma filosofia *do e no* terceiro gênero: “Jêje / Minha sede é dos rios / A minha cor é o arco-íris / Minha fome é tanta / Planta flor irmã da bandeira / A minha sina é verde amarela / Feito a bananeira / Ouro cobre o espelho esmeralda / No berço esplêndido / A floresta em calda / Manjedoura d'alma / Labar água, sete quedas em chama / Cobra de ferro / Oxumaré / Homem e mulher na cama”¹⁰.

Apêndice:

“As cores – as peles, os gêneros –, as ruas”: a filosofia fora do armário

Qual a chance de conseguir tecer num só gesto a vontade de ser absolutamente hospitaleiro, acolhedor, fazer o papel do anfitrião e, ao mesmo tempo, ter de falar? A situação assim o exige, é claro, mas a aporia se dá não apenas pela exigência da cerimônia, mas, sobretudo, pelo privilégio de dividir esse momento com quem admiro profundamente. Então, a

⁹ Sobre a noção de confusão, Cf. DERRIDA. Jacques. *Torres de babel*. Belo Horizonte: Ed.UFMG, 2002.

¹⁰ "Nação", de Aldir Blanc, João Bosco e Paulo Emílio, de 1982.

única chance de enfrentar o desafio (de não ser descortês, por um lado, com o convidado, saindo por demais do papel daquele que acolhe, mas também, por outro lado, evitar a descortesia com o momento, com o público aqui presente que, de alguma maneira, também espera que eu me pronuncie), o jeito que encontro de ressaltar a cortesia que tal momento merece resolve-se com a decisão de falar, mas falar pouco, ser breve e dar a palavra a quem é de direito.

A questão que, logo após, me coloquei foi a seguinte: sobre o que falar? Como estar à altura de um acontecimento como este? E a única resposta que me surgiu foi: escrevendo de modo pessoal. Nesse sentido, as poucas páginas que se seguem tentam reproduzir a importância para mim de ter em nosso Seminário Disseminações o Deputado Jean Wyllys, por motivos pessoais, políticos e acadêmicos, que tentarei aqui elencar (sublinhando que será impossível separar cada uma dessas razões, pois o pessoal, o acadêmico e o político estão necessariamente ligados, ainda que se pretenda sempre distanciar tais razões em nome de uma neutralidade hipócrita e quimérica).

Começo por uma breve cronologia autobiográfica que remonta ao ano de 2005, quando minha mãe me chamou a atenção para um participante do famoso reality show que, segundo ela, eu iria adorar. E não foi diferente, pois rapidamente Jean tinha minha torcida no tão conhecido programa de televisão, por ser homossexual assumido, jornalista, professor universitário, por louvar seus orixás a cada vitória e, sobretudo, por exemplificar o que entendo por caráter. Em seguida, logo que soube que iniciava sua carreira política, passei de imediato a ser seu eleitor declarado, e se eu acreditasse em representação, na pura representatividade (e isso certamente seria um belo tema de discussão, já que a crítica da representação em todos os sentidos me interessa, da teoria do conhecimento à estética e à política), certamente não ousaria dizer que, dentre a vastidão do universo político atual, é Jean Wyllys quem me representa. E minha admiração ainda se intensificaria ao ter contato com o pequeno, simples, direto e competente livro *Tempo bom, tempo ruim*, que, ecoando em seu título os ventos de Iansã (que, como diz a cantiga de umbanda, é sol, é chuva e é vento), trabalha o tempo, seu tempo, nosso tempo, esclarecendo o leitor sobre sua trajetória, sobre suas impressões, suas posições e sendo uma leitura obrigatória e agradável a quem se interessa pelos temas que nos reúnem aqui, hoje.

Entretanto, se isso tudo não bastasse, há ainda um fator pessoal que me deixa muito comovido em ter o Jean aqui a meu lado: minha mãe era uma de suas maiores entusiastas e, poucos dias antes de falecer, quando soube que esse evento aconteceria em agosto e sabendo que lhe restavam poucos dias, disse que sentia muito não poder estar presente hoje e que eu lhe mandasse um grande beijo e dissesse o quanto ela o admirava. Portanto, além de ter já dado

pessoalmente o beijo que prometera a ela, esse momento também é, para mim, uma homenagem à minha mãe, que foi quem primeiramente me chamou a atenção para a figura de Jean Wyllys, uma mulher exemplar, cujo orgulho de mim incluía, sempre silenciosamente, como o faz uma grande mãe taurina, o fato de saber que minha personalidade que tanto admirava se construiu em grande parte ancorada em minha preferência sexual.

E talvez este seja o ponto que eu mais gostaria de tocar aqui, agora: porque eu, desde cedo assumidamente gay para o pequeno círculo de amigos e familiares que me cercava, sempre tive tamanha dificuldade em me posicionar como homossexual dentro desse espaço, a academia. Porque minha escrita filosófica, que nunca pareceu se restringir ao modelo estabelecido e nunca se furtou a quebrar barreiras, sempre pareceu se esquivar do tema da sexualidade? Lembro que em minha defesa de doutorado, a filósofa argentina Mónica Cragolini comentou como minha tese esconde em suas quase quinhentas páginas o teor erótico, que contudo não deixa de escorrer desde seu título, que evoca a umidade. A resposta era simples, embora no momento não conseguisse ver: eu me esquivava de falar do erótico porque não consigo não falar em primeira pessoa, e falar então da sexualidade seria falar de minha experiência sexual, desde ela e a partir dela.

O que me estranhou ainda mais foi que, desde que ingressei na vida universitária, sobretudo depois de conseguir a estabilidade de um emprego público e a suposta respeitabilidade de ao menos um pequeno grupo de pessoas na academia, eu ainda persistia no silêncio – e o estranhamento se tornou absurdo quando vi que isso era um padrão, pois os professores universitários homo ou bissexuais de minha área, homens e mulheres, mesmo os que são aparentemente assumidos para seu pequeno círculo, nunca se posicionavam publicamente quanto aos temas que envolvem a sexualidade não normatizada. Isso me fez começar a pensar, para além do óbvio, já que não é novidade para ninguém que a academia é um ambiente extremamente machista, misógino e homofóbico, que deve haver, para além disso, algum problema estrutural com nossa específica área de saber. Sendo curto e grosso, a questão que me coloquei foi a dificuldade de a filosofia sair do armário.

Por isso, esta celebração de hoje também marca uma guinada no meu percurso acadêmico, quando eu decido mudar completamente o rumo de minhas pesquisas e começar a me dedicar não a questões propriamente de gênero, mas talvez, se isso existir, a uma espécie de teoria queer do conhecimento ou uma teoria de gênero da filosofia, cujo nome provisório seria algo como “Uma Filosofia do – e no – terceiro gênero”, que busca investigar a relação intrínseca das figuras andrógenas com as noções de verdade, a contaminação entre masculino e feminino

contra os discursos de pureza, a exaltação da artificialidade contra qualquer defesa do natural e, sobretudo, a denúncia da neutralidade e da universalidade como a dessexualização do pensamento. Portanto, em primeiro lugar, uma filosofia do terceiro gênero: pois tem como objeto estas imagens e alegorias que são desde sempre escamoteadas em nome de uma epistemologia neutro-masculina (ainda que sejam estas que me pareçam fundamentais para a própria invenção do fundamento); e, em seguida, uma filosofia no terceiro gênero: pois, para tal intuito, ela deve necessariamente se escrever de outra maneira, escrever-se a partir desse lugar ambíguo e tecer outros estilos que flertem com as artes, a literatura e a autobiografia e, com isso, saia desse armário que é a imposição do chamado rigor filosófico-científico.

Isso me faz lembrar de uma cena que nunca saiu de minha memória e que me assombra desde o ano de 2005. A cena se passa na praia de Copacabana, onde eu caminhava com o filósofo italiano Gianni Vattimo, que estava no Rio de Janeiro para um colóquio do qual eu fazia parte da organização. O hotel onde ele se hospedara era próximo à minha casa e, por essa razão, caminhávamos pela madrugada após o jantar. Ao explicar para ele o quão interessante era o bairro de Copacabana, quando dizia que lá moram, às vezes em um mesmo prédio, idosos, judeus ortodoxos, traficantes, prostitutas, gays, drag queens, fui imediatamente interrompido por ele, que me disse de modo abrupto: “eu gosto de drag queens”. Mesmo sabendo que Vattimo era homossexual assumido e militante, presença obrigatória das paradas do orgulho gay de Turim, a confissão inesperada me pegou de surpresa e devo ter feito uma cara de quem não entendeu nada. Ele, então, repetiu, explicando: “eu gosto de drag queen, sabia que já escrevi sobre isso”? E me contou de um pequeno artigo em que falava sobre o que é a drag queen, inspirado na primeira drag americana, que era professor universitário de dia e fazia shows à noite. Cheguei em casa, procurei o artigo, e, no dia seguinte, cheguei profundamente excitado no evento, pedindo a ele que escrevesse mais sobre o assunto, pois eu achava que a pequena análise do drag poderia render muito e que seria muito interessante ter um livro sobre isso. Ele, de modo jocoso, riu e me disse, em alto e bom tom, no meio de um auditório lotado, que ele estava muito velho para isso e que deixava para mim a tarefa de ser um herdeiro do pensamento drag. Isso obviamente virou piada entre meus colegas que ouviram Vattimo, como um bom italiano, fazer tal observação num volume um tanto exaltado; mas devo confessar que tais palavras sempre ecoaram em minha mente, me ajudaram a pensar a minha tese de doutorado e cada vez mais me parecem ser o nó górdio de todo meu pensamento: e é por essa razão que tal filosofia do e no terceiro gênero, herdeira de um pensamento drag, será sobretudo uma releitura de meu percurso à luz dessas alegorias, pois estou certo de que tudo que escrevi até hoje, minha

preocupação insistente com a alteridade, minha obsessão pela singularidade, o meu amor pelas metáforas, estilos e máscaras, a luta contra a neutralidade e o falocentrismo, enfim, tudo que produzi até hoje sempre fora norteador por esse desejo de inscrever na filosofia essa marca alegre do jogo do despir, vestir e travestir.

Eis, portanto, o anúncio; a promessa do que está por vir, e talvez a justificativa de precisar de um momento como este para tal anúncio, precisar de estar ao lado de alguém que resplandece coragem, para tirar a filosofia, ao menos a minha, do armário. E devo também confessar, já que toda essa minha fala nada mais é que uma longa confissão, que tal coragem de fazer tal promessa aqui e agora, de escolher este momento para desviar o rumo de minhas pesquisas, se dá em grande parte à leitura de *Tempo bom, tempo ruim*, de ver trilhada a biografia de Jean Wyllys, de ter para mim mais patente a dimensão de seu bravo percurso, desde sua infância pobre em Alagoinhas até sua vida política como Deputado.

Tempo bom, tempo ruim me fez repensar os entrelaçamentos de meus temas, que justamente me fizeram convidar Jean à palavra: as cores – as peles, os gêneros – as ruas. Faz-nos pensar sobre as cores do arco-íris e a pluralidade de tons de pele e matizes sexuais que vem sendo, seja epistemologicamente pela neutralidade e universalidade, seja politicamente, sobretudo em um tempo em que o dogmatismo neopentecostal faz com que a medievalidade bata à nossa porta – e nos traz às ruas. Sair do armário e ir para as ruas, talvez sejam esses os maiores imperativos à filosofia, e não estão de modo algum separados. Sair do armário é também ir para as ruas na medida em que, um pensamento como este deverá necessariamente se debruçar não apenas aos gêneros, mas também à nossa própria cultura.

Porque não existe uma filosofia brasileira? Porque o filósofo no nosso país não tem amor à sua cultura, à sua língua, e assim como se esconde no armário, tenta a todo custo esconder sua pele mestiça, sua cultura “impura” (no melhor dos sentidos) e escamotear a promiscuidade que é a origem nada original, e portanto unicamente original, que mistura a matriz negra, com a branca e a ameríndia – e eu diria mais, as matrizes negras, brancas e ameríndias, pois até estas são muitas.

Uma filosofia do e no terceiro gênero, uma filosofia mestiça, uma filosofia das e nas ruas: é isso que me fez amar a leitura de *Tempo bom, tempo ruim*, ter a coragem de aqui anunciar minha nova empreitada e o que me motivou a chamar o Deputado Jean Wyllys para abrir nosso Seminário Disseminações. E termino a minha fala citando um breve trecho de uma das mais belas canções de João Bosco, que, na voz de Clara Nunes, nos faz pensar nesse imbricamento, ainda tão embrionário em minha cabeça, entre os gêneros, as cores, as culturas, os sexos: “Jêje

/ Minha sede é dos rios / A minha cor é o arco-íris / Minha fome é tanta / Planta flor irmã da bandeira / A minha sina é verde amarela / Feito a bananeira / Ouro cobre o espelho esmeralda / No berço esplêndido / A floresta em calda / Manjedoura d'alma / Labar água, sete quedas em chama / Cobra de ferro / Oxumaré / Homem e mulher na cama”.

Referências bibliográficas:

- BUTLER, Judith. **Bodies that matter**. New York: Routledge, 2011.
- CORNELL, Drucilla. **Philosophy of the limit**. New York: Routledge, 1992.
- DERRIDA, Jacques. “Choréographies”, in: **Points de suspension** – entretiens. Paris: Galilée, 1992.
- DERRIDA, Jacques. **Esporas: os estilos de Nietzsche**. Rio de Janeiro, NAU, 2013.
- DERRIDA, Jacques. **Farmácia de Platão**. São Paulo: Iluminuras, 1997.
- DERRIDA, Jacques. “Geschlecht, Différence sexuelle, différence ontologique”, in **Cahier de l’Herne, Heidegger**, dirigido por Michel Haar. Paris: L’Herne, 1983.
- DERRIDA, Jacques. **Gramatologia**. São Paulo: Perspectiva, 1999.
- DERRIDA, Jacques. **Khora**. Campinas: Papyrus, 1993.
- DERRIDA, Jacques. **Memórias de cego** – o auto-retrato e outras ruínas. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2010.
- PRECIADO, Beatriz. **Manifesto Contrasexual**. Barcelona: Anagrama, 2011.
- VATTIMO, Gianni. “Il saggio, orgoglio drag queen di Gianni Vattimo”, *L’espresso*, 11 de agosto de 2005.